



“I WANNA DO BAD THINGS WITH YOU” **TRUE BLOOD** E A IMAGEM DO VAMPIRO CONTEMPORÂNEO

Yuri Garcia¹

<http://lattes.cnpq.br/4060828192531818>

RESUMO – O presente artigo tem como objetivo analisar a imagem do vampiro na contemporaneidade através da série televisiva **True Blood**. Habitando nosso imaginário desde folclores do medievo, este ser alcança sua potência na entrada na literatura gótica e difusão pelo cinema. Atualmente, o vampiro pode ser considerado uma tendência, sendo um produto de alta rentabilidade. Mas como é a imagem que possuímos de um ser tão camaleônico atualmente? Drácula, o grande representante parece não dar mais conta de nos mostrar o vampiro contemporâneo; Crepúsculo é um produto muito voltado para adolescentes românticas; resta à série da HBO nos mostrar uma visão mais interessante deste ser.

59

PALAVRAS-CHAVE – Séries televisivas; filmes; vampiro; **True Blood**; cinema.

ABSTRACT – The present paper aims to analyze the vampire’s image in the contemporaneity through the television series **True Blood**. Inhabiting our imaginary since medieval folklores, this being reaches its power in the entrance in gothic literature and in its diffusion through cinema. Nowadays, the vampire may be considered a tendency, as a high rentability product. But how is the image that we possess of a being so chameleonic in these days? Dracula, the great representant appears not to be handling of showing us the contemporary vampire; Twilight is a product that is more for romantic teenagers; it’s up to the HBO series to show us a more interesting version of this being.

KEY-WORDS – Television series; movies; vampire; **True Blood**; cinema.

Introdução

O vampiro é um ser que nos fascina e habita nosso imaginário com extrema popularidade na cultura contemporânea. Os livros e filmes da saga **Crepúsculo** atestam

¹ Doutorando em Comunicação Social na linha de Tecnologia e Cultura pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – PPGCom/UERJ e autor do livro “Drácula: o vampiro camaleônico” (2014). E-mail: yurigpk@hotmail.com



para a incrível sedução vampírica na cultura midiática. Embora a criação da autora Stephenie Meyer seja, na realidade, um romance pregando a importância da virgindade e devoção, e utilize os valores mórmons e da “Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias” (a qual a autora pertence), a utilização de vampiros para metaforizar tais costumes acabou se provando uma fórmula de sucesso de vendas. Podemos pensar que isso e o impacto de outros diversos produtos vampíricos atestam para como consumimos esse ser em nossa cultura atualmente.

A autora Nina Auerbach destaca em **Our Vampires, Ourselves** (1995) que as representações vampíricas são na realidade representações nossas e que em cada época desenvolvemos um vampiro específico, retrato da mesma. Então podemos pensar que temos tais representações ao longo de toda nossa história? Sim e não. A resposta é muito mais complexa do que aparenta, entretanto tentaremos explicar rapidamente esse primeiro paradoxo surgido em relação ao ser que é extremamente paradoxal em si.

Primeiro precisamos nos ater ao que a autora quer dizer. Seu trabalho faz um mapeamento das representações dos vampiros, entretanto, não possui um foco na história do mundo e sim um recorte (já bastante amplo mas feito com incrível maestria e detalhamento) de pensar o vampiro a partir de suas manifestações literárias mais clássicas e algumas representações fílmicas. Assim, temporalmente, podemos ver um trajeto iniciado no romance gótico até filmes e livros da década de 1990.

Então, a questão continua. Mas não é Nina Auerbach que nos ajuda a tentar compreendê-la, e sim o francês Claude Lecouteux em seu livro **Histoire des Vampires: Autopsie d'un Mythe** de 1999 e traduzido para o português como **História dos Vampiros: Autópsia de um mito** em 2005. Lecouteux traça a origem do mito do vampiro e, embora consiga resultados interessantes, não consegue estabelecer nenhum indício factual de tal origem.

Outro autor a tentar traçar a origem vampírica é Matthew Beresford em seu livro **From Demons to Dracula: the creation of modern vampire myth** (2008). Beresford traz algumas lendas interessantes do Leste Europeu não encontradas na obra de Lecouteux, entretanto continua sem nos apresentar uma ligação mais concreta. Mesmo assim, não teme chegar à sua própria conclusão e leitura do assunto, destacando



que é impossível negar que algumas divindades antigas não sejam precursoras dos vampiros².

Contudo, apesar das conclusões de Beresford, as aproximações a divindades mitológicas como Lilith, Lâmia ou Kali e/ou qualquer asserção sobre o “primeiro(a) vampiro(a)” não possui nenhum fundamento mais concreto e fica sempre baseado em possibilidades e na nossa criatividade.

No entanto, podemos destacar a idade média como o período em que as lendas e folclores ganham mais vida e o Leste Europeu como seu principal berço. Uma época cercada de muitas superstições, com áreas muito escuras e muita ignorância a respeito de condições biológicas do corpo-humano e suas possibilidades e desconhecimento de patologias médicas que poderiam justificar atos considerados mais estranhos. Ainda assim, não havia uma exatidão em que seria um vampiro propriamente dito. Sua imagem ainda se aproximava muito da de fantasmas e lobisomens.

O vampiro é, de fato, um ser literário e audiovisual, pois é no primeiro que começa a se manifestar com mais clareza e no último que se imortaliza como um grande personagem. Com **Drácula**, o livro de Bram Stoker, a imagem do predador aristocrata que bebe sangue fica imortalizada. Entretanto, é através do cinema que esse alcança sua grande potência. O personagem de Stoker possui diversas adaptações fílmicas e serviu de inspiração para criar diversas outras. Se não podemos creditar a Stoker a permanência do vampiro em nossa cultura, sem dúvida, podemos destacar o cinema como seu principal veículo. Mas para sobreviver todos esses anos e continuar sendo uma figura que nos desperta grande interesse, o vampiro teve que se adaptar.

No livro recém-publicado **Drácula: O Vampiro Camaleônico** (2014), atentamos para a manifestação desse vampiro em particular e como suas mudanças ocorreram ao longo de seus mais de cem anos de existência. É apontada a mutabilidade do personagem de Bram Stoker como sua grande característica de sobrevivência e facilidade de adaptação ao tempo e aos diversos gêneros em que já circulou.

² “Although the word ‘vampire’ did not enter the English language until 1736 (and so in effect prior to this point there were no ‘vampires’ per se), it is impossible to deny that early demons and revenants are precursors of the ‘vampire’ Thus it is equally important to consider these in detail in any vampire history.” (BERESFORD, p.195)



Nesse artigo, pretendo compreender outros vampiros. Na verdade, Drácula é um personagem clássico, criado em 1897. Meu interesse aqui seria o de pensar essa entidade através das manifestações mais recentes através de outros produtos. Novas perspectivas e novas leituras de como esse ser estaria vivendo no mundo atual.

Seu caráter camaleônico garantiu sua “sobrevida” através dos anos. Mas como está essa entidade atualmente? A série televisiva **True blood** nos traz uma visão do vampiro contemporâneo, não como necessariamente um predador, um aristocrata ou um vilão, mas o pensa como um ser que vive em condições diferentes e reage de formas diferentes a essas condições. A série não nos apresenta “um” vampiro, mas “uma sociedade” de vampiros, cada um com sua individualidade.

Entretanto, antes de pensarmos em características mais presentes na contemporaneidade, precisamos tentar entender como surgiram tais características e porque tais características foram as que mais se destacaram e que prevaleceram para estabelecer o que acabamos por considerar um vampiro atualmente. Para isso precisamos retornar ao início de tais seres. Antes da aparição de Drácula, temos Carmilla e Lorde Ruthven seduzindo vítimas inocentes.

Literatura, o início

Como já vimos, é no romance gótico que a ideia do que é um vampiro começa a tomar corpo. Drácula surge como um marco desse momento. Entretanto, uma característica ausente no romance de Stoker e presente nas suas duas obras precursoras **Carmilla**, de Sheridan Le Fanu; e **O Vampiro** do doutor John Williams Polidori é a famosa sedução do vampiro.³

O vampiro era uma entidade repleta de características nebulosas, entretanto as obras citadas acima demarcam três características importantes para esse ser. A aristocracia, onde podemos ver uma metáfora de como as classes privilegiadas aterrorizavam as classes inferiores. A sucção de sangue que podemos novamente ler

³ É interessante notar que tal característica é tão marcante do vampiro que mesmo não existindo na obra literária original, é frequentemente vista em suas adaptações. Podemos ver traços nos clássicos Dráculas de Bela Lugosi e Christopher Lee, entretanto em “Drácula” (1979) de John Badham, “Drácula 2000” (2000) de Patrick Lussier e “Drácula de Bram Stoker” (1992) de Francis Ford Coppola o aspecto sedutor fica mais destacado. Para mais detalhes ver GARCIA, 2014.



(embora dessa vez seja uma interpretação menos evidente e apenas possamos apontar como uma possível leitura) como a exploração do trabalho, do esforço e da energia. E a sensualidade do vampiro.

Deter-nos-emos mais às duas últimas características por serem as que possuem mais articulações com o tema desse trabalho. Então, podemos iniciar pela sensualidade marcante do vampiro. Drácula era um ser descrito como um velho de aparência maldosa. Bafo, pelos nos dedos e diversos atributos não muito atraentes faziam parte de sua descrição. Seus ataques não eram baseados em sua sensulaidade e sim em seus poderes de hipnose e extrema força. Podemos aproximá-lo mais de um estuprador do que do galante personagem cinematográfico.

Seus precursores, no entanto, são sedutores. Lord Rutheven é um charmoso e galante aristocrata que viaja pelo mundo à procura de mulheres inocentes para atacar. É inteterssante notar a necessidade da inocência em suas vítimas. O vampiro não ataca apenas pelo sangue, mas também pelo prazer da conquista e do dano causado.

Carmilla é uma vampira paradoxal. Além de ser a primeira a possuir a marcante característica dos dentes pontiagudos, também apresenta hora uma aparência frágil e debilitada, hora uma aparência extremamente sensual e sedutora para sua vítima⁴. Carmilla também traz outras duas características marcantes vampíricas de forma mais explícita: a homossexualidade e a beleza. Embora possamos compreender Lorde Rutheven como um belo homem pelas suas façanhas e conquistas e leituras sobre homossexualidade sejam possíveis nas obras de Stoker e Polidori, é apenas através do conto de Le Fanu que ambas são destacadas.

A outra caraterística trazida pelas duas obras e destacadas e pelo livro de Stoker se tornaria a marca maior do vampiro em nossa cultura, sua alimentação. O mito do vampiro passa a ser associado ao sangue, após os três predadores aristocratas incluírem-no como prato principal (ou único) em seu cardápio.

⁴ “Now the truth is, I felt rather unaccountably towards the beautiful stranger. I did feel, as she said, “drawn towards her,” but there was also something of repulsion. In this ambiguous feeling, however, the sense of attraction immensely prevailed. She interested and won me; she was so beautiful and so indescribably engaging.” (LE FANU, p.285)



Dessa vez, embora as outras obras tenham iniciado essa ideia, podemos creditar seu sucesso a “Drácula”. Assim, o vampiro passa a ser não um mero assassino ou um assombro, mas um predador. A animalidade fica mais latente quando suas vítimas se tornam seu alimento. O vampiro mata não por desejo ou por explicações complexas, mas sim pelo mero motivo essencial para qualquer ser, sobreviver. A sobrevivência do vampiro é baseada em sangue. “Manter-se em vida matando, essa é a maldição do vampiro, se não seu *credo*.” (LECOUTEUX, p.175)

Assim, a célebre frase *The Blood is the Life* (p.169), do romance de Bram Stoker, nos dá uma ideia da importância do sangue na vida do vampiro e do destaque que passaria a ter no nosso imaginário.

Cinema: imortalidade

Se a literatura inicia um desenho do que seria o vampiro, é no cinema que esse se manifesta em toda sua potência. Um ser que precisa se alimentar e pode morrer com crucifixos, estacas, água benta e outras ferramentas, não pode ser imortal. Entretanto, um ser que assume diversas possibilidades imagéticas e está presente em diferentes produtos midiáticos da nossa cultura com enorme repercussão e permanência já começa a configurar uma diferente espécie de imortalidade. Uma que se dá no nosso imaginário. Transformamos o vampiro em imortal como uma figura que adota diversas formas e assume o papel do vilão ao herói, do monstro ao sedutor.

O conceito de Jay Bolter e Richard Grusin “*Remediation*” do livro de mesmo nome de ano de 2000 faz uma referência direta à McLuhan em seu subtítulo “*Understanding New Media*”⁵ trazendo a ideia de que todo meio novo traz algo dos meios anteriores, remedia aspectos dos meios anteriores. Em ambas as obras o foco não é chamar a atenção para os produtos sendo passados de um meio para outro, entretanto eles também são fruto de tal processo. Assim, os vampiros que começavam a se destacar em nossa cultura através da literatura, também se utilizam do audiovisual. Entre eles, novamente Drácula figura como o predominante. Em suas múltiplas aparições em filme,

⁵ Referência ao mais famoso livro de McLuhan “*Understanding Media*” traduzido como “Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem.”



séries e jogos, o personagem começa a colaborar através de suas transposições para criar as características que hoje atribuímos aos vampiros em geral. O sol torna-se uma vulnerabilidade graças à “Nosferatu” (1922) e passa a queimar a sua pele em “O Vampiro da Noite” (1958). Atualmente, temos uma noção do que seria um vampiro muito baseada no que Bram Stoker nos ensinou e no que seus discípulos do audiovisual criaram.

Se a importância massiva de uma única obra para a mitologia vampírica facilita um estudo de alguns aspectos, dificulta em outros. O Drácula contemporâneo seria uma releitura de um clássico e ainda traria aspectos da época em que Stoker o escreveu. Um produto mais novo de vampiros é necessário para pensarmos este ser atualmente. Um produto criado e desenvolvido mais recentemente com inspirações em todo o histórico deixado ao longo do tempo e que traga novas questões sobre o mesmo tema. Poderíamos eleger o mundo de Stephenie Meyer com seus livros e filmes como tema, entretanto o foco da autora não é articular questões interessantes e sim impor seus valores mórmons de uma forma mais *cool*. Assim, vemos na série televisiva True Blood e em um recente filme do diretor Jim Jarmusch, a melhor forma de pensar essas questões.

True Blood

Do you have any of that synthetic bottled blood?
Bill Compton

I've been waiting for this to happen ever since
they came out of the coffin 2 years ago.
Sookie Stackhouse

You know, I read in Hustler everybody should have sex
with a vampire at least once before they die.
Jason Stackhouse

True Blood é um seriado criado por Alan Ball e produzido pela HBO nos EUA que possuiu sete temporadas (iniciando em 2008 e terminando em 2014). A premissa inicial da série já traz, como podemos ver através das acima falas de personagens da própria série, vampiros fazendo parte da nossa sociedade. Baseada na obra de Charlaine



Harris, *The Southern Vampires Mysteries*, iniciada em 2001, a primeira temporada possui 12 episódios com cerca de 50 minutos, mais fielmente transposta do primeiro romance *Dead until Dark* (no Brasil, *Morto até o Anoitecer*, lançado pela Ediouro em 2009). As demais temporadas são mais livremente inspiradas em livros da coleção.

Bernard Beck em *Fearless Vampire Kissers: Bloodsuckers We Love in Twilight, True Blood and Others* (2011) traz uma reflexão sobre as diversas fases do vampiro na nossa cultura e destaca um momento em que a perspectiva das mulheres sobre as obras vampíricas tem ganhado especial atenção. De fato podemos ver que as obras de grande sucesso que ele destaca no título são ambas feitas por mulheres. Podemos especular que seria devido a uma visão mais sensível que destaque o aspecto mais sensual do vampiro como um dos fatores. O autor destaca como as personagens principais de *True Blood* e *Crepúsculo* não se sentem afrontadas ou vitimizadas mais como nas antigas narrativas, e sim curiosas, fascinadas e seduzidas. Contudo, se nos romances de Stephenie Meyer temos Bela descobrindo o segredo de seu amado e se apaixonando de forma exagerada, os livros de Charlaine Harris, assim com a série exploram um lado mais interessante. Fernanda Farias Friedrich compara os livros com a série em sua dissertação de mestrado *From Dead until Dark to True Blood* (2013) para UFSC e destaca que embora o primeiro seja mais destinado a um público feminino, *True Blood* é atrativo a pessoas de diversas idades, sexos, gêneros, raças etc.

A série possui como premissa inicial pensar na existência de vampiros em nossa sociedade. A expressão “sair do caixão” é utilizada para se referir aos vampiros que se apresentam na sociedade como vampiros. Inicialmente já percebemos o potencial do termo que faz referência a “sair do armário” para o movimento LGBT. A brincadeira é óbvia e sabemos desde o começo que a metáfora para a discriminação sexual será feita.

No interessante artigo intitulado “Os Vampiros saem do Armário: um olhar antropológico sobre *True Blood*” (2011), Camilo Albuquerque de Braz discute essa assimilação entre vampiro e o movimento LGBT na série. O autor ainda destaca que quase todos os personagens vampiros são bissexuais (até o viking Eric Northman na terceira temporada se relaciona com outro homem). Assim podemos perceber que para



vampiros não há a distinção homo/hetero, apenas a vontade momentânea ou a preferência.

Podemos dizer que uma das principais questões por trás de **True Blood** é a discriminação e falta de tolerância entre vampiros e humanos. Entretanto a série é bem mais complexa e nos traz diversas outras questões. Inicialmente temos no título já a questão fundamental dos vampiros: o sangue. Mais que fazer um jogo de palavras com “sangue” e “real” ou “verdadeiro”, temos o princípio motor da série, a ideia fundamental para todo o desenvolvimento de seu universo ficcional. *True Blood* também é o nome do sangue artificial criado por japoneses que permitirá a integração dos predadores na sociedade, uma forma de domesticá-los e/ou garantir que os humanos não sejam mais seu prato principal.

O início de **True Blood** mostra os vampiros batalhando por seus direitos como cidadãos através de uma representante que se utiliza da televisão para demonstrar a validade de seus argumentos com seu enorme poder de retórica. O destaque da televisão como importante difusor da mensagem é evidente na série quando todas as ocorrências, debates e entrevistas são as responsáveis por deixar o cidadão de fora da trama a par de tudo. Torna-se o instrumento que possibilita alguns segredos da série (que apenas nós e os personagens envolvidos sabemos) sejam parte do conhecimento de todos.

No entanto, o sangue continua sendo melhor que o sangue artificial, o que faz com que muitos vampiros continuem preferindo a alimentação “à moda antiga”. Além disso, novas articulações são feitas a partir de outras possibilidades. O sangue humano passa a ser apenas comida e o sangue vampírico ganha destaque. Em **True Blood** seres humanos se viciam de sangue de vampiro como se fosse uma droga que produz efeitos alucinógenos, dá mais força, potência, apetite sexual e cura feridas e contusões. Assim a metáfora do viciado, do *junkie*, surge com o uso do sangue de vampiros.

Outro elemento essencial é o sangue de fada (a personagem central) que deixa os vampiros loucos, inebriados e bêbados. Assim, Sookie torna-se o principal alvo de todos os vampiros e seu sangue, além de mais gostoso e entorpecente, possibilita que os vampiros consigam ficar expostos ao sol durante um curto espaço de tempo. Ao longo



das sete temporadas vemos diversas formas de utilizar o sangue como uma metáfora para drogas que viciam e funcionam como alucinógenos.

A série também nos apresenta outras ideias interessantes sobre sangue. Aqui, não é apenas para ser consumido, mas se destaca como uma marca registrada. Ao ser morto, o vampiro explode como se fosse uma bolha de sangue gigante. Suas lágrimas (característica que o humaniza bastante) são feitas de sangue. E um vampiro enfraquecido por não dormir começa a apresentar sangramentos pelos poros.

As mordidas não são apenas alimentação, mas também prática recorrente da relação sexual entre vampiros com humanos e (em alguns casos) vampiros entre si. Se um ser humano beber sangue de um vampiro, estabelece-se uma conexão entre eles: o humano passa a ter atração e sonhos eróticos com o tal vampiro (mesmo que o humano seja heterossexual e o vampiro seja do mesmo gênero⁶) e possibilita que o vampiro o localize e sinta quando ele estiver em perigo.

Todas as articulações que a série traz acerca de sangue, discriminação e suas metáforas são um rico *corpus* de análise. Todavia, o que mais chama a atenção de **True Blood** para esse estudo é sua capacidade de ir contra todos os clichês que moldam a personalidade e aparência do vampiro. Ao tratar o vampiro como um humano transformado que apenas muda alguns de seus hábitos e que quer fazer parte de uma sociedade sendo aceito como é ou impondo sua superioridade, surge uma complexidade enorme de personalidades. Vampiros são como nós, cada um com seus problemas. Não há mais o “padrão vampírico”, além de algumas pequenas características. Aqui cada um é um ser diferente, uns voam, outros não; uns querem paz, outros querem guerra.

True Blood trata o vampiro como uma minoria, mas não uma minoria homogênea de sugadores de sangue, e sim uma minoria de pessoas extremamente diferentes. A idade também passa a ser um fator de extrema importância na série. Vampiros mais velhos são mais fortes, mas também mais inteligentes, mais experientes e com uma visão de mundo que apenas os anos de vida podem permitir. A rápida aparição de um personagem em particular é interessante. Godric, um vampiro de mais de 2000

⁶ Presume-se que o mesmo ocorra se o ser humano for homossexual e o vampiro de outro gênero, embora não tenha ocorrido na série.



anos, começa a questionar sua existência e acha q a vida não tem mais razão. Já experimentou de tudo e já passou por tudo que sua condição lhe permite e apenas descobriu que sua existência deve acabar. Em um ato de desapego à vida e a necessidade de ver um pôr do sol novamente, se mata em uma bela cena no telhado de um prédio.

Essa questão da idade e sua perspectiva sobre a vida é explorada em **True Blood** apresentando os vampiros muito velhos de duas formas: os que estão cansados da vida e se interessam por poucas coisas como Godric e Eric (embora esse mostre incrível vontade de vingança e sobrevivência e seja extremamente atraído por Sookie); e os que vivem a vida intensamente de forma totalmente irresponsável como o famoso vilão de duas temporadas, Russell Edgington.

Ao pensar nessa questão que **True Blood** apenas esboça, vemos o novo filme de Jim Jarmusch **Only Lovers Left Alive** (2013) se aprofundando mais. O filme narra a história de 2 amantes vampiros. Adam, interpretado por Tom Hiddleston é um músico que influenciou diversas figuras ao longo da história e alcançou enorme sucesso, porém vive recluso em Detroit. Essa figura é uma nova representação, mostrando um ser altamente ilustrado que acumulou muito conhecimento durante a vida, e agora se encontra desinteressado pelo mundo humano e prefere criar seu próprio ambiente e se dedicar à sua música. Sua amante Eve, interpretada por Tilda Swinton, é uma mulher calma e experiente. Nunca perde o controle e parece ter grande sabedoria e respostas para tudo (é, no mínimo curiosa, a escolha dos nomes Adam e Eve – Adão e Eva como do casal de vampiros).

De certa forma, essa nova concepção do vampiro que vemos em **True Blood** e em **Only Lovers Left Alive** não é tão nova assim. O **Nosferatu** (1979) de Klaus Kinski já esboçava certo tédio e depressão com sua condição (apesar de sua maior característica ser uma solidão visceral). O que ambos fazem é passar do mero tédio e depressão para apresentar seres que se cansaram de diversas coisas e acumularam conhecimento com seus anos de experiência. O filme de Jim Jarmusch ainda destaca essa questão quando apresenta Ava, a irmã mais nova de Eve, interpretada por Mia Wasikowska como totalmente incontrolável, infantil e inconsequente.



Os vampiros atualmente são sensuais, belos e com incríveis poderes para arrecadar audiência. Enquanto isso, outras produções pensam o vampiro como um humano e imagina o que um humano faria com tanto tempo de vida.

Considerações Finais

Os vampiros são seres que nos tem acompanhado durante um longo tempo. Como reflexo de nossos tempos produzimos um vampiro específico para cada época. Drácula, o grande personagem responsável pela difusão desse ser na nossa cultura através das mídias, embora seja altamente camaleônico, sofre por estar preso ao período em que foi escrito e a sua narrativa. Embora algumas tentativas de modernizá-lo tenham sido feitas, parece claro, sobretudo pela onda de novos personagens vampíricos, que o vampiro contemporâneo deva ser pensado através de outro representante.

Atualmente, vivemos um período em que as características mais exploradas tem sido as que o glorificam mais. O vampiro é um ser belo, sensual, sexualizado, com olhar penetrante e um conjunto de poderes que o permitem também passear pelos filmes de ação como um super-herói⁷. J. M. Tyree em seu artigo “*Warm-Blooded: True Blood and Let the Right One In*” (2009) aponta como os atuais vampires foram domesticados. Não apresentam mais aquele perigo de outrora e sim são companheiros dos humanos. No entanto, indo além do autor, tentamos apontar aqui a imagem contemporânea do vampiro. Não a imagem midiática que é óbvia quando vemos a aparência bela e sensual com seus super poderes. Tentamos ir mais a fundo e pensar como seria um vampiro contemporâneo como um ser e não como um mero produto para atrair telespectadores.

True Blood pensa na complexidade existente por trás de cada um, mostrando que assim como os seres humanos são muito específicos e diferentes, os vampiros também o seriam. O filme de Jim Jarmusch também apresenta uma reflexão sobre o assunto, porém sendo mais perspicaz e pontual. Entretanto, a série tem o mérito de trazer os aspectos mais *pop* que atrai um grande público com suas questões mais profundas.

⁷ É o caso dos filme das franquias **Underworld** (2003), (2006), (2009) , (2012) e **Blade** (1998), (2002), (2004).



Além disso, embora o artigo de Tyree aponte os vampiros como domesticados, sua análise se concentra apenas em um personagem da série. Enquanto Bill inicia um bom moço e termina a série um bom moço (apesar de suas interessantes mudanças ao longo de toda série, sendo vilão, manipulador e político), outros vampiros como Eric e Pam continuam querendo fazer coisas ruins com você.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE DE BRAZ, Camilo. “Os Vampiros saem do Armário: um olhar antropológico sobre True Blood”, in **Bogoas: Revista de Estudos Gays**, v. 6, p. 301-314, 2011.

AUERBACH, Nina. **Our Vampires, Ourselves**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

BECK, Bernard. “Fearless Vampire Kissers: Bloodsuckers We Love in Twilight, True Blood and Others”, in **Multicultural Perspectives**, v.13, n.2, p.90-92, 2011.

71

BERESFORD, Matthew. **From Demons to Dracula: The Creation of the Modern Vampire Myth**. Reaktion Books Ltd, 2008.

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation: Understanding New Media**. The MIT Press, 2000.

FRIEDRICH, Fernanda Farias. **From Dead until Dark to True Blood: a comparative analysis of the narrative in the novel and the television series**. 28 de Fevereiro de 2013. 105 folhas. Dissertação (Mestrado) – UFSC, Santa Catarina, 2013.

GARCIA, Yuri. **Drácula: O Vampiro Camaleônico**. Embu-Guaçu, SP: Lumen et Virtus, 2014.

LE FANU, J. Sheridan. **In a Glass Darkly**. Dodo Press, 2009.

LECOUTEUX, Claude. **História dos Vampiros: Autópsia de um mito**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

McLUHAN, Herbert Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. Cultrix, 2007.

POLIDORI, John Williams. **The Vampyre and Other Tales of the Macabre** (Oxford World's Classics). Oxford University Press, 2008.



STOKER, Bram. **Dracula**. United States of America: ICON Classics, 2005.

TYREE, J. M.. Warm-Blooded: True Blood and Let the right One In. **Revista Film Quarterly**, vol.63, No.2, 2009, p.31-37.

REFERENCIAS AUDIOVISUAIS

Blade, O Caçador de Vampiros. NORRINGTON, Stephen. EUA: 1998. 120 minutos.

Blade II – O Caçador de Vampiros. DEL TORO, Guillermo. 2002. EUA.; Alemanha: 117 minutos.

Blade: Trinity. GOYER, David S.. EUA: 2004. 113 minutos.

Crepúsculo. HARDWICKE, Catherine. EUA: 2008. 122 minutos.

Drácula. BADHAM, John. EUA: Reino Unido: 1979. 109 minutos.

Drácula. BROWNING, Tod. EUA: 1931. 75 minutos.

Drácula 2000. LUSSIER, Patrick. EUA: 2000. 99 minutos.

Drácula de Bram Stoker. COPPOLA, Francis Ford. EUA: 1992. 128 minutos.

Nosferatu – O Vampiro da Noite. HERZOG, Werner. Alemanha Ocidental; França: 1979. 107 minutos.

Nosferatu – Uma Sinfonia do Horror. MURNAU, F. W.. Alemanha: 1922. 94 minutos.

O Vampiro da Noite. FISHER, Terence. Reino Unido: 1958. 82 minutos.

Only Lovers Left Alive. JARMUSCH, Jim. Reino Unido; Alemanha; Grécia: 2013. 123 minutos.

True Blood. BALL, Alan. EUA: 2008 – 2014. 60 minutos (aproximadamente por episódio)

Underworld. WISEMAN, Len. Reino Unido; Alemanha; Hungria. 2003. 121 minutos.

Underworld: Evolution. WISEMAN, Len. EUA: 2006. 106 minutos.

Underworld: Rise of the Lycans. TATOPOULOS, Patrick. EUA Nova Zelândia. 2009. 92 minutos.

Underworld: Awakening. MÅRLIND, Måns; STEIN, Björn. EUA: 2012. 88 minutos.

